

5 Conclusão

O percurso que fizemos neste trabalho mostrou-nos um pensador que parece ele mesmo cindido. Agamben tende ora para o Dante de *De Vulgari Eloquentia* – e a ideia de que a linguagem é apenas humana, a voz animal sendo confusa –, ora para o menino Hurbinek e sua palavra que, embora não pertença à esfera humana de sentido, é linguagem. No escopo de obras lidas, de *Estâncias* (1977) até *O que resta de Auschwitz* (1998), Agamben como que oscila, por vezes chegando aos limites da possibilidade do sentido (como na seção sobre a Esfinge em *Estâncias* ou o fim de *A linguagem e a morte*), e por outras retrocedendo ao pensamento metafísico (“Pascoli e o pensamento da voz”, 1982). Nesse caminho, muitas sendas são abertas, muitas potências são indicadas, nem todas exploradas. Isto não quer dizer apenas que é dada ao leitor a oportunidade de caminhar por tais trilhas; essas estradas, que são o próprio movimento do pensamento do autor, foram ou poderão ser – já que se trata do privilégio de lidar com um filósofo vivo cuja obra continua a florescer – exploradas por ele mesmo. Agamben continua a produzir, a pensar, o que torna provisória nossa reflexão, ou ainda, situada em um período demarcado de seu trabalho.

Depois do conjunto de textos sobre os quais nos debruçamos, quis o movimento de seu pensar levá-lo a escrever sobretudo a respeito de política. Em 2010, o livro de um professor inglês acerca do “pensamento literário de Agamben”, trouxe uma gema: um postal do filósofo, endereçado ao autor, glosando sua tese. Não é a glosa mesma que nos interessa aqui, mas o momento em que Agamben comenta seu próprio destino como pensador. Lá, ele diz:

Hope we meet again some time in the future but I believe we may not as my destiny is beyond those cliffs which are treacherous, upon an empty plateau about which they say great danger finds its dwelling. (Agamben apud Watkin, 2010, p. 201-202)

Agamben constrói uma imagem de sua sorte; não a explicita segundo um esquema de próprio/impróprio, poderíamos dizer, parafraseando *Estâncias*.

Tratar-se-ia de um enigma¹? Se é verdade que, conforme afirmado naquele livro, “não existe termo próprio que o metafórico é chamado a substituir” (Agamben, 2007, p. 236), o que é esse “platô vazio sobre o qual se diz que grande perigo encontra sua morada”? Se acharmos que é o mundo (humano), pensar a fala de Agamben como um “significar único” é indicar que o mundo é ele mesmo um platô vazio, e não aparentado a um – que nele moram muito perigos não é difícil de conceber. Isto é, podemos ver concretamente nesta formulação – caso a entendamos – a abertura daquela comunidade “sem pressupostos” que era sonhada antes. É ela que o destino de Agamben habitaria, se é que não estamos aqui caindo em mais um “preconceito edípico”.

O postal continua com um conselho “By the way, ignore the example of Orpheus. There are always benefits to be accrued from looking back along the way you have come.” (Agamben apud Watkin, p. 202). Talvez no trabalho atual de Agamben encontremos essa olhada para trás; como exercício, propomos uma visita ao quinto encontro do seminário de verão dado por ele na European Graduate School, em agosto de 2011. Intitulado “Animal, man and language”, seu tema não poderia ser mais pertinente ao nosso trabalho, dando-nos a oportunidade de ver para onde seu pensamento o tem levado neste “platô vazio”. Nessa comunicação, Agamben formula uma ideia sobre a diferença entre humano e animal no que diz respeito à linguagem, declarando explicitamente que esta não é de uma ordem cognitiva, mas *relacional*. Ele credita a ideia ao preconceito profissional de cientistas, para quem a cognição seria sempre o dado central²; para Agamben, por sua vez, a diferença não se encontra em uma gradação cognitiva da linguagem: que os animais têm uma linguagem é “claro”, ele diz. A diferença jaz – e aí ele expõe uma ideia sobre o humano – em que:

Animals do not want to engage completely in their language. They use their language but they do not want to put at stake their own nature in their language. On the contrary, what defines man is that man is the living being which puts at stake its nature in its language. Risks himself in language, defines himself through language, makes language its specific, proper power. It's as if animals don't want to do it. They are right, they understood how dangerous this was. They prefer to use language but but for a limited field of utility. (Agamben, 2011, 21')

¹ William Watkin, a quem o postal foi endereçado, reforça esse entendimento introduzindo-o assim: “... the following enigma I have translated the best I can” (WatkinS, 2010, p. 200)

² O exemplo dado por Agamben é o sistema de linguagem das abelhas, que seria “pobre”. Ora, trata-se de uma referência mais que explícita a Heidegger. Agamben estaria, com isso, indicando que o alemão também teria sido vítima desse preconceito?

O humano, portanto, seria aquele que “põe sua natureza em jogo na linguagem.” E o “eu”, em consonância com Benveniste, seria apenas quem pronuncia a presente instância de discurso contendo o *shifter* “eu” – o que inclusive dá lugar para que Agamben chame o “livre sujeito da metafísica” de “estupidez”. Que não haja um sujeito livre constituidor do mundo, mas que o “eu” surja como uma necessidade da linguagem e que os predicados que nos acostumamos a associar a ele sejam posteriores, tudo isso mostra que não há, para o humano, uma primazia existencial em relação ao animal:

I am not saying this is good. This dooms men to a very difficult situation. When you decide to risk your nature in language you have all terrible things comes, like law etc. (...)What we call an animal is just a living being who was aware of that risk, didn't want to go in there. It is true that scientists show animal languages exist. In some way they have, can also elaborate them, probably. The difference is not cognitive as we think: it is ethical. The animal did not want to run this risk. I will not put my nature at stake in language. What happened of course is we lost our nature, in some way. Thats why we do not know what is our nature. The animals, they know. We have to find it again, after, through language (idem, 73’).

Encontrar a nossa natureza através da linguagem e depois dela, já que firmamos um pacto, arriscamo-nos nela, indicaria um terreno ético sem pressupostos; a ligação entre ética e linguagem localizar-se-ia então em um lugar vazio, e a ética não nasceria jamais subsumida a uma ideologia:

A real ethic can only be grounded in fidelity to language as such, which is empty some way. There is no context. Once you begin speaking it is to language itself you want to keep fidelity, not to one content, not to a certain discourse intralinguistic (idem, 80’).

É aqui que a poesia faz sua derradeira aparição em nosso trabalho. Pois Agamben, nesta fase de seu pensamento que muitos consideram distante da supostamente literária, afirma que “The fidelity to language as such is what we call poetry. Not fidelity to a certain discourse. Poetry can never identifies itself to a certain content.” Se a fidelidade à linguagem como tal é a poesia, é nela que repousa a “ética real”. Parece que, quase vinte anos após a última obra que consultamos, a “verdadeira palavra humana” continua pendendo para o lado da poesia.

Mas há ainda uma última observação. No final de sua comunicação, Agamben diz que há uma, apenas uma crítica possível a Benveniste: a voz³, que

³ Anteriormente, a própria diferença entre língua e fala havia sido colocada em questão pelo filósofo que, ao explicar à turma os termos, diz: “If we really think that such thing as the english

resta não pensada na linguística, sendo sua “questão esquecida”. Acerca dos *shifters*, Agamben afirma:

Does this [the shifter] not presuppose the voice? (...) Perhaps voice is what really permits to identify, it's my voice that permits you to identify me as the one who utters the present instance of discourse (idem, 88’).

Neste momento, a sessão se encerra, mas não sem que antes Agamben diga que não pretende tratar desse problema. Não resta dúvida de que é a reflexão sobre a linguagem que estabelece o terreno para que ética e política sejam pensadas. Também não há dúvidas de que muito do que permaneceu ambíguo ou em suspenso naquelas obras que estudamos não para de re-tornar. Temas como a voz ou o lugar do humano e do animal continuam presentes como questões cuja pertinência se mantém. Agamben segue o conselho que dá ao professor inglês e não imita Orfeu; ele constantemente se volta, e jamais perde sua Eurídice. Esta talvez seja a lição final do verso: que haja também uma versura no próprio movimento de pensar. Se for assim, então é justamente na hesitação que ocasiona a abertura de uma pletora de possibilidades, na tensão disjuntiva/articuladora que o pensamento traz consigo, que ele encontra sua força. Podemos então concluir que, do ponto de vista do caminho percorrido em sua obra, Agamben acolheria a “herança poética que o pensamento deve levar até o fim.” (Agamben, 1999a, p.33).

Chegamos finalmente a termo. Aproveitando a ideia de verso como volta, versura, e aderindo à afirmação, feita no seminário citado, de que “não existe linguagem para apenas uma pessoa; uma pessoa só não poderia falar” (Agamben, 2011, 38’), tomamos carona na última frase do postal com que começamos esta conclusão e fazemos nossas as palavras com que Agamben se despede:

“There, I have finished what I have to say. It’s your turn now.”

language exists. I doubt it.” Esta que é apenas mais uma indicação que não é elaborada poderia apontar para uma ideia de que só a fala existe.